

O MOMENTO feminino

Direção de ARCELINA MOCHEL

UM JORNAL PARA O SEU LAR



NESTE NÚMERO

30 ANOS TAMBÉM GANHARAM A GUERRA! ★ A LUTA COTIDIANA DAS MULHERES ★ INAUGURAÇÃO DA LUZ ELÉTRICA ★ NOSSOS PROBLEMAS ★ O MUNDO DE HOJE ★ A SEMANA DAS VEREADORAS ★ A JOVEM ATRIZ ★ LENDA AMAZONICA ★ ARTES PLASTICAS ★ PUERICULTURA ★ RADIO ★ TEATRO ★ CINEMA

Nossos Problemas

MOMENTO FEMININO

Os últimos acontecimentos nacionais têm provado que posição tomou a mulher brasileira e, sua coragem, sua energia, sua consciência de luta em prol da justiça humana, colocaram-na ao lado da democracia.

E' que não nos deixaríamos acusar de indiferentes, comodistas num determinado momento em que mais se impõe uma definição.

Sabemos que somos uma força ponderável no progresso do país, e no mundo inteiro a mulher é reconhecida como esteio de civilização. Nossa combatividade, nossa intransigência à justiça social, torna-se imprescindível junto aos poderes públicos.

Parece, entretanto, anacrônico, até mesmo inconcebível que, avançando a democracia e, conseqüentemente, vencendo as mulheres, ainda tenhamos de reclamar insistentemente nas ruas e nas Casas parlamentares garantias para os nossos direitos, solução para as nossas necessidades.

Isso nos pareceria paradoxal, se não compreendéssemos a ação das forças estranhas e delirantes sobre a nossa independência política e o nosso progresso econômico.

São essas forças que dão proporções geométricas às dificuldades de nossa vida, que perturbam a estabilidade da família brasileira, que procuram arrastar o nosso povo ao desespero pela fome, pela miséria, pelas injustiças. Mas o fundamental, queridas amigas, é que não nos deixemos arrastar a tais intentos. Temos sede de Lei e uma vez que a possuímos, que a conquistamos, defende-la-emos com toda a consciência.

Com a Lei constitucional defenderemos nossos lares, venceremos os açambarcadores, os ricos dos monopólios; garantiremos teto, saúde, instrução, amparo à infância e a velhice, a palavra e a ação.

E porque a mulher esteja interessada na solução desses problemas, que também são seus, coloca-se na vanguarda da luta organizada pela democracia, pela independência, pela Lei.

E' com coragem que dizemos aos senhores opressores, aos donos dos latifúndios, aos prepostos dos imperialistas que a nossa atitude em combatê-los está definida.

A carestia ensombra a felicidade dos lares, transformando a alegria das crianças em melancolia característica de fome, de ausência de conforto, de falta de brinquedos, de semi-nudés. Isso combateremos nesta crise em que a infância não é infância e a juventude já é maturidade.

Diariamente a imprensa nos fala dos despejos em

massa, da subida de preço dos gêneros, da estagnação dos salários, da exploração do braço feminino nas fábricas, nos escritórios, nos trabalhos comuns.

A angústia das mulheres cresce e com ela a revolta aumenta. Porisso mesmo todas despertam, se organizam e se unem para um único objetivo: a conquista do bem-estar, da fraternidade, da felicidade.

Dentre os múltiplos problemas da mulher, salientamos hoje o da exploração da mão de obra feminina no setor industrial.

Não há negar que a mulher brasileira tenha capacidade de produção nas fábricas e, infelizmente, a exploração de seu trabalho é muito grande.

A lei assegura salário igual para trabalho igual. Mas a realidade é que isso só existe no papel.

Nas fábricas, em horário comum e em produção idêntica, dando toda a sua abnegação e sacrifício, a mulher tem retribuição inferior à dos trabalhadores do sexo masculino.

Exemplificando esse tipo de exploração desenfreada, citamos aqui o caso das oficinas gráficas, setor específico, em que trabalham mais de 3.000 mulheres.

O descalabro atinge tal grau, que as empresas preferem as jovens de menor idade e, ao vê-las completar a maioridade, dispensam-nas para não lhes pagar os Cr\$ 16,40 a que teriam direito como salário mínimo. Muitas trabalham em máquina "Miele" ganhando Cr\$ 26,00, enquanto operários nas mesmas máquinas e com a mesma produção percebem Cr\$ 68,00 e Cr\$ 70,00.

São desigualdades incompreensíveis, que levam as operárias a não sentirem o direito de reclamação até mesmo das péssimas condições de higiene em que trabalham. Elas perdem a alegria, o conforto, mas continuam dedicadas às suas tarefas e sempre ativas na produção.

As Companhias que exploram a mão de obra feminina, porque não modificam esse critério, para um reconhecimento mais justo do valor da mulher trabalhadora, dando-lhe uma recompensa mais adequada ao muito que elas lhes proporcionam?

Se é verdade, queridas amigas, que essas homens das grandes rendas vivem do nosso trabalho, não nos deixemos explorar por quem não sabe nos valorizar e prefere sugar o nosso silêncio, no afã de enriquecer à custa do suor das mulheres sacrificadas.

A operária de fábrica não é uma inferior. Ela é peso forte na vida econômica do país, construtora do progresso e pedra básica da independência nacional.

O primeiro número de nosso jornal alcançou os resultados que prevíamos. A edição exgotou-se, demonstrando assim que as mulheres cariosas sentiram o papel que nos cabe desempenhar com uma publicação semanal.

Nosso primeiro número apresentou ainda muitas falhas. O trabalho de revisão foi ainda insuficiente e a carência de espaço levou-nos a suprimir matéria interessante. Reconhecemos tudo isso. Sentimos que devemos melhorar em cada número. Sentimos que nossa edição deve também ser aumentada. Pretendemos fazer um jornal feminino, cultural, agradável e sadio. Pretendemos colaboração de todas as mulheres e aceitamos todas as críticas. Pretendemos também que nossos amigos nos auxiliem. Qualquer contribuição servirá: seja ela econômica ou intelectual. Nossa redação está aberta a todos. MOMENTO FEMININO não é um jornal feminista mas uma publicação para os lares.

Os nossos amigos, homens e mulheres, devem ajudar-nos a empreender a grande campanha pelas assinaturas. Precisamos de assinantes no Rio e nos Estados, precisamos ampliar nossos leitores e criar novas seções. Sozinhas nada poderemos fazer. O auxílio de todos é a nossa maior aspiração.

Se você, leitora amiga, quiser ver seu jornal progredir, tornar-se aquilo que ele realmente pretende ser, venha à nossa redação e ajude-nos a fazer assinantes para MOMENTO FEMININO. E assim, muito em breve, que grande jornal teremos! Jornal feito por todas nós. O nosso jornal.

ARCELINA MOCHEL

MOMENTO Feminino

EXPEDIENTE

DIRETORA:

ARCELINA MOCHEL
REDATORA-CHEFE:

LIA CORRÊA DUTRA

SECRETÁRIA:

SILVIA LEON CHALREO

REDATORAS:

Eneida Costa de Moraes — Maura de Sena Pereira

GERENTE:

HELOISA RAMOS

CHEFE DE PUBLICIDADE:

GLÓRIA CORDEIRO DE ANDRADE

Redação e Administração:

RUA DO LAVRADIO, 55 - 1.º andar

Caixa Postal 2013 — Rio de Janeiro

Número avulso: Cr\$ 1,00 — atrasado: Cr\$ 2,00

ASSINATURAS:

3 meses Cr\$ 12,00
6 meses Cr\$ 22,00
12 meses Cr\$ 40,00

OFICINAS: «Tribuna Popular S. A.»

DISTRIBUIÇÃO: Distribuidora Anteu Ltda.

(Distribuição em todo o Brasil)

MUNDO DE HOJE



Mal acabamos de sair de uma guerra e, — ainda com as feridas tão abertas, com as dores tão vivas, — queremos novamente os aventureiros de toda espécie, os pontentados do ouro, os escravizadores dos povos, lançar em nossos lades a dor, a fome, a miséria, a peste.

Falamos, em nosso artigo anterior, da luta que em todos os países do mundo as mulheres travam para a reconstrução democrática e a consolidação da paz. Mas não esquecemos de lembrar que na China a guerra continua. (a gloriosa luta do povo chinês pela sua libertação nacional); que no Viet-Nam (Indochina) as promessas de liberdade não foram cumpridas e que os combates se sucedem; não esquecemos que a luta prossegue na Palestina; que foram bombardeadas aldeias de Madagascar; que na Grécia matam-se democratas e na Espanha de Franco os assassinos não cessam.

Um grito angustioso deve partir de nossos corações: — por que tropas britânicas lutam na Grécia? Por que o Sr. Truman, presidente dos Estados Unidos, propõe substituir essas reitas a salário igual ao do horo tropas pelas americanas? Sabe-

mos que os interesses desses governos não são os do povo grego que luta pela sua independência e sua liberdade. Por que os governos que se intitulam democratas continuam a auxiliar despidoradamente Franco?

Seja qual for a capa em que se esconda, adote o nome que adotar a ação, a fisionomia do fascismo é a mesma; seus golpes são iguais, suas preocupações, idênticas. Sua sede de escravização e domínio não morreu com Hitler, não foi liquidado com Mussolini.

Ante o espetáculo do mundo atual, as ameaças da guerra, os atentados aos direitos garantidos pela Democracia aqui, e no resto do mundo, que devemos nós mulheres — causadas de tanto sofrimento e querendo ser felizes — que devemos fazer? Unir-nos, resolutamente, corajosamente, para unidas lutar pelo reforçamento da democracia em nosso país, pelo reforçamento da luta pela paz mundial, contra a reação nacional e internacional.

YUGOSLAVIA — Antes da guerra a mulher yugoslava não possuía nenhum direito. Não podia assinar nenhum documento sem autorização do marido; não podia trabalhar em seu próprio nome e quando perdia o esposo era dado um tutor para os seus filhos. Não tinha direito, nem a promoção. As professoras eram obrigadas a casar com professores, sob pena de perderem o emprego. Mas

quando Hitler ocupou a Yugoslavia a mulher escravizada e humilhada desse país, sentindo-se ainda mais desgraçada, colocou-se ao lado dos homens e com ele lutou incansável e denodadamente contra o nazismo. Assim ela conquistou os seus

direitos. Hoje a nova Constituição Yugoslava, assegurando os direitos do povo, assegura também os direitos da mulher. E ela constrói para a Democracia e a Paz.

ITALIA — A U.D.I. (Unione delle donne italiane), organização de mulheres na Itália, não tem cor partidária. Reune mulheres de todas as tendências políticas que queiram não só lutar pelas reivindicações femininas, como pela reconstrução e soergimento de uma Itália democrática. Essa organização nasceu no movimento clandestino de Milão durante a guerra e possui hoje cerca de meio milhão de filiadas pertencentes a todas as classes sociais e todos os partidos políticos.

FRANÇA — Durante sua estadia em Paris, Henry Wallace, ex-vice-presidente dos Estados Unidos, recebeu homenagens de várias organizações democráticas, e, entre elas, as da "Amigas da Paz" e da "União das Mulheres Francesas".

ESTADOS UNIDOS — Em seu informe apresentado ao Congresso da Federação Democrática Internacional de Mulheres, a Sra. Phillips, delegada norte-americana disse, entre outras coisas



verdadeiramente espantosas e de causar arrepios, o seguinte: "O linchamento não é a única ameaça que pesa sobre a vida dos negros. A miséria, a insalubridade de suas moradias — nos Estados Unidos existe o sistema de "ghetto" — a falta de hospitais (para negros) e a insuficiência de médicos (negros) trazem, em conseqüência, uma mortalidade muito elevada principalmente entre mulheres e crianças. Em 1943, no Harlem (bairro negro de New York), a mortalidade foi tão grande que correspondeu a 1/36 da mortalidade do Estado em seu conjunto! Os casos de morte durante a maternidade são 3 vezes maiores nas mulheres negras que nas brancas e o número de recém-nascidos mortos é de 82 vezes maior entre as crianças da raça negra!"

O Sr. Truman que sonha e arquiteta guerras, que quer meter as garras do dollar em nossos países, que manda 3.600.000,00 de dólares para Chiang Kai Check trucidar os patriotas chineses, agrida muito melhor se ajudasse os demostas americanos, a liquidar com uma monstruosidade desse tamanho.

ENEIDA

VOCÊ QUE SABE LER, POR QUE NÃO ENSINA A UM OU DOIS ANALFABETOS? O ANALFABETISMO NOS ADULTOS É UMA DAS MAIORES CHAGAS QUE O BRASIL POSSUI.

ADIO

Você Não Conhece, Eu Sei

Sagramor de Scuvero

O valor do rádio, em todas as camadas sociais é indiscutível. De manhã, à tarde, ou à noite ele está ali — ao pé de uma máquina de costura, na prateleira da cozinha, ao lado do fogão, na copa perto do ferro elétrico que vac e vem, ou na sala de visitas, gramínea, sobre uma meza de Jacarandá divertindo as moças que fazem tricô ou simplesmente "escutam o rádio". Ele é o companheiro de todos — daqueles que contam com outras diversões, daqueles que podem ir ao cinema, ao teatro e dos outros que têm apenas o rádio. E têm muito.

E devemos fazer justiça ao rádio. Tem máis programas, é verdade, mas também ele não pretende ser a única coisa possível desta terra, e tem programações admiráveis em todos os sentidos: boa música, boa literatura, instrução, cultura e sadia diversão. E ainda não deu tudo o que tem para dar — mas dará em breve. Tenho orgulho de tê-lo iniciado no serviço social como Oswaldo Diniz Magalhães magnificamente o iniciou na cultura física. E como a Rádio Roquette Pinto lhe está dando novas funções na educação política e esclarecimento das massas.

Não era sobre isso que eu queria falar. Vocês conhecerão bem o rádio. Já choraram e riram com Zezé Fonseca, e com ela foram também a Lenora. Admiraram fervorosamente o Arnal Gurgel, são fãs do Paulo Graúdo, guardam retratos de Urbano Lóes, e dão "alteração" na Avenida quando passa o Celso Guimarães. Quero lhes falar de uma classe de "cartazes" que você não conhece. Grande classe! Feita de moços trabalhadores, artistas verdadeiros e que não têm como os outros grandes ordenados, retratos nas revistas, nome na

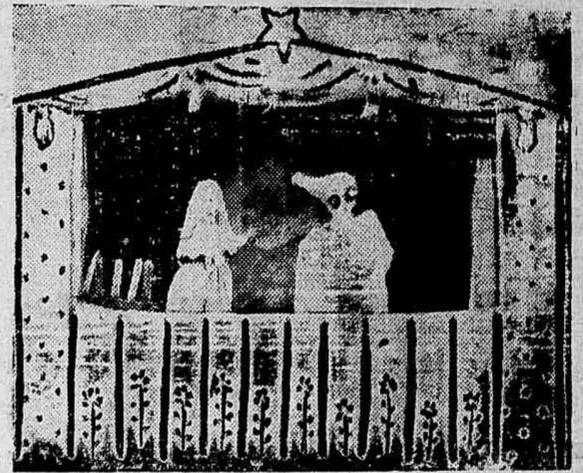
boca dos fãs. Estão guardados, esquecidos, dentro das discotecas, das técnicas de estação de rádio. E como eles prestam serviços! Você ouviu ontem uma novela? Gostou da música, quer das entre cenas, dos fundos musicais, dos prefixos? Gostou? ela não entrava exatamente na hora H? não ia suave, crescendo, aumentando justamente na hora em que você queria? pois agradeça a um desses moços: o que fez a sonoplastia, que ouviu discos e discos, páginas e páginas musicais, ali escolheu "aquelas que se casavam com o assunto. E agradeça a outro desses moços: o operador. O operador que ficou na "técnica", com quatro "pick-ups" pelos lados, a copia da novela e um monte de discos à frente: em cada disco com um lapis especial estava marcado só um pedacinho! Parece um milagre... mas ele não erra. Suas mãos não param, ele não ouve, não vê o que possa acontecer a sua volta, e vai disco, vem disco, ligam a outro, movimentam todos os "pick-ups"... e em casa você ouve... os artistas da novela. E quando ela acaba o locutor diz — Sonoplastia de Sarita. Técnica de Mário Helena. Mas você não os conhece. Não presta atenção ao nome. E que artistas, que habilidade eles têm! Como é agradável e justo falar sobre eles.

Sarita é nã moça bonita, quase menina. Carioca. Fala correntemente cinco línguas, conhece latim e grego. Tem uma cultura musical vasta e admirável. Conhece toda a obra dos grandes músicos, e também domina perfeitamente a música popular e o folclore — do Brasil? não. Só das Américas? também não. Ela vai até a Europa.

E conhece e executa até música chinesa. E fala dos seus autores. Dona de uma rara sensibilidade ela ilustra musicalmente os programas falados. E aumenta-lhes a graça, duplica-lhes o valor.

Você já ouviu muitas vezes o nome dela. Saiba agora: Sarita é um cartaz do nosso rádio. Cartaz sem ordenado fabuloso, sem retrato na 1ª página de revistas, mas cartaz de raro, bem raro valor. Faz sonoplastia — o que é uma arte indispensável, imprescindível ao rádio.

E com prazer voltaremos ao assunto: nossa justa homenagem aos artistas da técnica e da discoteca.



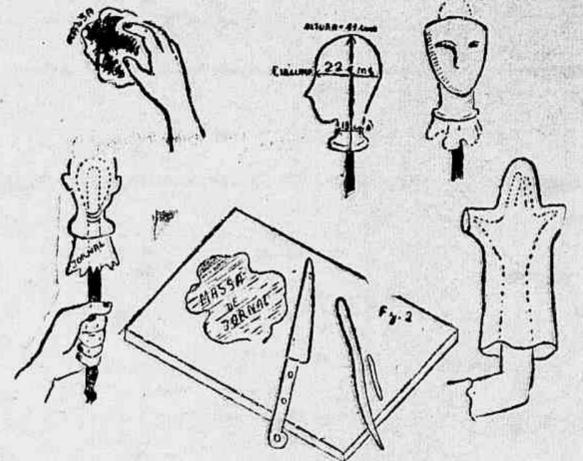
Teatro de Fantoches

MARIETA JACQUES

Vocês quer brincar de teatro com seus irmõzinhos ou seus amigos? Quer construir em casa um teatro de bonecos? É muito divertido e agradável. Faça o que vamos ensinar:

PREPARAÇÃO DOS BONECOS — Rasgue três folhas de jornal em pedacinhos: ponha depois de molho em dois litros de água e junte uma fatia bem fininha de sabão especial de mais ou menos meio centímetro de espessura. Deixe ferver dez minutos. Depois de frio, passe num pano, espremendo bem e junte duas colheres numa taboquinha pequena, até que tudo fique reduzido a uma lheres de farinha de trigo. Bata essa massa com uma faca de co-pasta fina e maleável.

Numa varinha de 30 cm de comprimento, faz-se, com jornal, uma cabeça (veja a figura 1). Amarra-se com barbante formando um pestoço que deve ter 0m, 13 de circunferência. Por cima dessa cabeça vai-se colocando a massa e modelando a cabeça do fantoche segundo o modelo esboçado. Pronto a cabeça co-



loca-se para secar em lugar seco e protegido. Depois de seca, puxa-se a varinha e, com o auxílio de uma tesoura, vai-se retirando com muito cuidado o jornal.

No próximo número ensinaremos a fazer o corpo. Os bonecos ficavam para a redação de nosso jornal dizendo se os bonecos ficaram bons ou se vocês têm dúvidas. Escreva porque vamos ajudá-lo a organizar teatros muito divertidos.



Um cronista de cinema é geralmente malquisto. "Gostei tanto do filme... e o bonequinho não bateu palmas"... "Adoro Bob Taylor e o cronista achou-o muito ruim..." Depois o cronista geralmente mostra erudição: fala em close-up, em ângulos, em planos, em várias coisas que o leitor não entende e não quer mesmo entender. O leitor é cineasta e quer gostar, apenas.

Vocês viram "Flores de Pedra"? É um filme muito agradável. Os técnicos consideram-no uma revolução em technicolor. O filme é uma lenda de amor, e há coisa mais bonita que uma lenda de amor?

Anuncia-se "Ivan o Terrível", filme soviético que a crítica mundial considera grande realização.

Os programas americanos, apesar da grande quantidade de "abacaxis", têm dado alguns bons filmes. "Melhores tempos de nossa vida" está programado para a próxima semana. É um filme que mereceu vários "Oscars". geralmente mostra erudição:

Vocês viram como a reação se organiza nos Estados Unidos? Lá como aqui. Imaginem, amigas, que o Comitê de Atividades Anti-Americanas, uma organização meio inquisitorial e muito fascista, resolveu apontar os artistas democratas, os provados anti-fascistas de Hollywood como anti-americanos. Uns fracassados, tipo Adolfe Menjou, se prestaram a delatar. Mas pegou? pegará? Tolice. Os maiores e mais consequentes democratas da terra do cinema são os maiores e melhores artistas. E Betty Davies, e Joan Crawford, e James Cagney, e Frederick March, e Meilyn Douglas, e Gary Cooper, etc. etc.

O Comitê mais anti-americano e absolutamente anti-democrático vai ter que calar. Está claro que os melhores e maiores artistas devem ser, têm que ser os melhores e maiores amigos do povo, da democracia lanque e internacional. Agora, encontrando esses artistas no cinema, a gente pode dizer assim: "Ah, meu irmão!"

A LETRA REVELA A PESSOA!

GILDA

No século XV, ao despontar da Renascença, teve início o estudo da grafologia com o filósofo italiano Baldo que publicou um "Trattato come de una lettera missiva si conoscano la natura e qualità delle scrittore." Prosseguiu nessa investigação, no século XVIII, Cagliostro que, acusado de heresia foi julgado pela Inquisição e condenado à morte na fogueira histórica. Mas, não se cumpriu a sentença, não sei dizer porque. Depois, outros sábios foram também chamados ao tribunal cuja missão precípua era defender a sagrada instituição da ignorância. Julgados criminosos, indignos e satânicos, foram: Galileu com seu novo sistema planetário; Servet, descobridor do processo circulatório do sangue, e outros inimigos das "tradições". Entretanto rolaram os séculos. Acabou-se a Inquisição, sem ter acabado com os sábios que felizmente se multiplicaram. Apesar das maldições continuou o movimento da Terra em torno do Sol, a circulação do sangue... e a grafologia!

Apareceram, depois, outros estudiosos dessa ciência — Hocquart, Heuze, Michon, Crépieux-Jamin, Rou-

gement, Héricourt e outros que escreveram numerosos compêndios relativos à grafologia e sua aplicação na medicina, como ramificação da psicofisiologia, da neurologia e da psiquiatria.

Podemos garantir às nossas queridas leitoras que realmente, cientificamente e positivamente, a letra revela a pessoa. Se é boa ou má. Se é leal ou traçoira, sadia ou enferma. E, portanto, uma coisa séria que aqui lhes oferecemos. Não é uma futilidade, nem um passatempo inútil. Muito ao contrário, conhecendo pela grafologia o próprio caráter, as tendências, o temperamento e a capacidade de ação, poder-se-ia ampliar o valor da personalidade — provocando novos êxitos na profissão, na sociedade, no amor...

Bastará preencher e enviar à redação, o coupon abaixo, acompanhado de algumas linhas manuscritas, em papel sem pauta — com letra espontânea e natural. Quanto mais escrever, melhor. E não esqueça de assinar. Nada de letras "bonitas": naturalidade apenas.

Daqui a uns dias procure nesta seção o seu retrato grafológico. E com ele o caminho da felicidade!

ATENTANDO A SUA CONSULTA
LUTAR PELO DIREITO É LUTAR PELA VIDA

Esta é uma seção em que o elemento feminino terá resposta a consultas quanto aos seus direitos civis, políticos e sociais, enfim quanto aos direitos da mulher.

Aqui procuraremos auxiliar às leitoras falando-lhes uma linguagem simples e clara, habilitando-as para o exercício de seus direitos que, dado o esforço dispendido para sua conquista, são para nós um bem inviolável. Como defendê-los melhor? Primeiro, procurar conhecê-los, a todos; depois, exercê-los em sua plenitude. Conhecendo-os, poderemos exercê-los e exercendo-os, marchamos vertiginosamente para a exigência do reconhecimento de novos direitos, de todos os direitos de que gozam e usufruem as mulheres dos países civilizados.

Estamos aqui para extrair a catarata que ainda persiste em nossos olhos e, após essa operação, veremos tão limpidamente que, estamos certas, efetivamente, iremos nos misturar cultural, profissional e politicamente com os nossos parceiros da vida toda. — desde o nascimento até a morte. — os homens. Ai não olharão com surpresa a mulher que, por sua capacidade, galgar algum posto avançado... Passaremos de espectadoras, em muitos pontos, a executoras de atos que a sociedade humana impôs: faremos leis, dirigiremos setores de trabalho, seremos contramestras ou gerentes de fábricas, etc. etc.

Enquanto a isso não chegamos, devemos nos preparar para nos ajudarmos amplamente e, por isso, não titubeiem em fazer suas perguntas, por meio de cartas dirigidas à redação. As mais simples às mais difíceis, sobre direito da pessoa humana, da cidadã, da mãe, da esposa, da funcionária, da operária, da dona de casa, da artista, pois, MOMENTO FEMININO tem obrigação de lhes responder.

DIANA



Estão... para uma dona de casa que tem os seus minutos contados, além de ser imprescindível à mulher que trabalha fora do lar. Os romances delicados, as biografias romaneadas e ricas em conteúdo humano, tudo isto enriquece de uma maneira razoável as nossas possibilidades de vida. Existem no Brasil e no mundo uma série enorme de trabalhos, assinados por mulheres ou a elas recomendáveis. Assim, inauguramos esta coluna para dizer às nossas amigas, aquilo que de fato devem preferir. A sensibilidade feminina precisa enriquecer-se nessas experiências. A literatura brasileira, ao lado da inglesa, da francesa, da soviética e de tantas outras, precisa ser conhecida e divulgada — é certo, mas ajudarem as nossas leitoras emitindo a nossa opinião. Ao pouco irão sentindo a nossa razão de preferências e ao mesmo tempo poderão fortalecer ou não o conceito de nossa opinião. Aqui falaremos em autores, suas características essenciais, e o significado de suas obras. Aqui falaremos em livros que nos pareçam interessantes ao conhecimento de nossas leitoras. Aqui, finalmente, registraremos os trabalhos que nos forem remetidos, anotando as nossas observações, ensaiando uma crítica acessível e construtiva.

NOTA — Para esta coluna de livros, pedimos aos senhores editores a união de um exemplar de cada obra publicada, para o nosso endereço — MOMENTO FEMININO — Caixa Postal 2013 — Rio de Janeiro. Contribuirá assim para a divulgação de suas edições aumentando o seu número de leitores e as estantes de nossa biblioteca que estará sempre à disposição de nossas leitoras.

O MOMENTO Feminino

EXPEDIENTE

DIRETORA:
ARCELINA MOGEL
REDATORA-CHEFE:
LIA CORREIA DUTRA

SECRETARIA:
SILVIA LEON CHALREO

REDATORAS:
Eneida Costa de Moraes — Maura de Sena Pert

GERENTE:
HELOISA RAMOS

CHEFE DE PUBLICIDADE:
GLÓRIA CORDEIRO DE ANDRADE

Redação e Administração:
RUA DO LAVRADIO, 55 - 1.º andar
Caixa Postal 2013 — Rio de Janeiro

Número avulso: Cr\$ 1,00 — atrasado: Cr\$ 2,00

ASSINATURAS:

3 meses Cr\$ 12,00
6 meses Cr\$ 22,00
12 meses Cr\$ 40,00

OFICINAS: «Tribuna Popular S. A.»

DISTRIBUIÇÃO: Distribuidora Anteu Ltda.

(Distribuição em todo o Brasil)

21 de JULHO



Parte da Tribuna de Honra da Câmara Municipal, vendo-se, na primeira fila, a Comissão Organizadora da Passeata Feminina contra a carestia e o câmbio negro, presidida pela senhora Alice de Toledo Ribas Tibiriçá e constituída por prestigiosas líderes femininas da capital da República.



Nas escadarias do Palácio Tiradentes, a senhora Alice Tibiriçá fala aos representantes do povo. Nas gravuras seguintes, os deputados José Maria Crispim e Soares Filho, quando exaltavam o esplêndido movimento das Uniões Femininas contra a Carestia.

O dia 21 de julho será, de agora em diante, a grande data da mulher carioca, não outorgada gentilmente, mas conquistada com luta e dignidade, patriotismo e ordem.

Conforme noticiaram amplamente os jornais diários desta Capital, devia realizar-se, na tarde daquele dia, uma passeata feminina contra a carestia e o câmbio negro, a qual, no entanto, a polícia proibiu através de nota

enviada à imprensa e às emissoras locais. Impedidas de desfilar-se ordeiramente pelas ruas da Metrópole e de se dirigirem aos representantes do povo e ao Palácio do Governo, a fim de reclamarem medidas viáveis, soluções imediatas para a aflitiva situação em que se encontram os seus lares, as mulheres organizadas do Distrito Federal começaram a encher, à hora marcada, as escadarias e o saguão da Câmara Municipal. A Comissão Organizadora da passeata, tendo à frente a senhora Alice Tibiriçá, fez sentir à massa feminina presente que devia conduzir-se com disciplina e permanecer em silêncio. Chegam o sr. João Alberto e os demais vereadores. Ordens são dadas para que as galerias sejam ocupadas pelas donas de casa e a Tribuna de Honra pelas senhoras da Comissão Organizadora. Pode-se dizer, sem exagero, que, nessa tarde histórica, um comício impressionante se realizou no Palácio do Legislativo da cidade. A vereadora Sagramor de Scuvero lê, na hora do expediente, o magnífico documento enviado à Casa pela Comissão Organizadora da passeata feminina, e declara que se solidariza, como vereadora e como dona de casa, com o protesto que acaba de ler. As vereadoras Lígia Maria Lessa Bastos, Odila Schmidt e Arcelina Mochel, em seguida, pronun-

ciam veementes palavras, manifestando todo o seu apóio às donas de casa e à sua luta organizada contra a alta vertiginosa do custo de vida. De tôdas as bancadas vêm apartes de solidariedade à luta das mães de família cariocas. E, por fim, é solicitada à Mesa a designação de um grupo de vereadores para acompanharem a Comissão Organizadora até o Palácio Tiradentes. Sob a guarda de honra das quatro jovens parlamentares e dos vereadores Osório Borba, Breno da Silveira, Acioly Lins e Benedito Mergulhão, aquelas senhoras se dirigem à Câmara Federal. Lá as aguardava uma disciplinada e imensa multidão. O sr. Samuel Duarte, presidente da Câmara, e os deputados Soares Filho, Benício Fontenelle, José Maria Crispim e Café Filho vêm ao encontro da Comissão. Fala d. Alice Tibiriçá. Falam os deputados. A multidão vibra. E todos sentem que a mulher carioca obteve uma vitória, conquistou uma data, venceu uma etapa, a maior, a mais dura, a mais decisiva do seu amplo movimento de organização em torno dos seus próprios interesses, do bem-estar dos seus filhos e do progresso do Brasil.

21 de julho é o ponto alto da grande luta pacífica contra a carestia, iniciada há um ano pelas Uniões Femininas do Distrito Federal, marcando, ao mesmo tempo, a consolidação das mesmas.



As donas de casa, no saguão da Câmara Municipal, aguardam a chegada dos vereadores. Vieram de todos os recantos da cidade, dos bairros, dos longínquos subúrbios e das casas de lata dos morros. Algumas trazem as suas crianças e, no meio delas, há mães, esposas e irmãs dos bravos heróis da F.E.B.

CAPITULO

M

II

Os gêmeos cresciam que fazia gosto, e não eram mais doentios do que qualquer outra criança. Tinham, também, o gênio tão manso e bem formado que até pareciam não sofrer tanto com o nascer dos dentes e o crescimento quanto o resto da criançada.

Eram louros, e louros ficaram a vida inteira. Tinham muito boa aparência, grandes olhos azues, ombros largos, o corpo reto e bem plantado, mais altura e mais audácia do que todos os de sua idade, e a gente dos arredores, de passagens pelo burgo de Cosse, parava para vê-los, para admirar a aparência de ambos, e depois ia embora, dizendo: — "Mas é mesmo um lindo par de garotos!"

Isso deu motivo a que, desde cedo, os gêmeos se habituassem a ser examinados e interrogados, e a que não se tornassem encabulados e tolos ao crescer. Sentiam-se à vontade com todo mundo, e, em vez de se esconderem atrás das moitas, como fazem as crianças de nossa terra quando avistam um estrangeiro, enfrentavam qualquer estranho, mas sempre com bons modos, e respondiam a tudo quanto se lhes perguntasse, sem abaixar a cabeça e sem se fazer de rogados. À primeira vista, não se podia distinguir entre os dois, e pensava-se estar vendo um ovo e outro

A PEQUENA FADETTE

ovo. Mas, depois de se observar os gêmeos durante um quarto de hora, via-se que Landry era um tico mais alto e mais forte, que tinha os cabelos mais espessos, o nariz mais acentuado e o olhar mais vivo. Tinha também a fronte mais larga e o ar mais decidido; assim também um sinal, que o irmão tinha na face direita, Landry o tinha na face esquerda, e muito mais acentuado. As pessoas das redondezas, portanto, podiam reconhecer-lhes, mas sempre lhes era necessário um momento de hesitação. Ao cair da noite, ou a certa distância, quase todos se enganavam, tanto mais que os gêmeos tinham vozes idênticas, e, como sabiam que era possível confundí-los, um respondia em lugar do outro, sem tomar o trabalho de avisar que havia engano. O próprio pai Barbeau fazia às vezes confusão. Dessa maneira, tal como o anunciara a senhora Sagette, só a mãe dos gêmeos é que não os confundia nunca, mesmo no escuro da noite ou da maior distância que os pudesse ver ou ouvir falar.

Realmente, eles se equivaliam, e se Landry tinha mais alegria e mais coragem que seu primogênito, Sylvinet era tão amoroso e tão fino de espírito que não se podia gostar menos dele do que do irmão.

Durante três meses, cuidaram de impedir que os gêmeos se apegassem demais um ao outro. No campo, para se observar uma coisa contra os costumes, três meses representam um prazo muito longo. Mas, por um lado, ninguém acreditava que isso desse muito resultado, e, por outro, o Padre tinha dito que a mãe Sagette estava caduca e que o que Nosso Senhor tinha pôsto nas leis da natureza não podia ser desfeito pelos homens. Assim, pouco a pouco deixaram de parte o que tinham prometido fazer. Da primeira vez que lhes tiraram as camisolas para levá-los à missa de calças, os gêmeos foram vestidos com o mesmo pano, pois foi um saiofe da mãe que serviu para os dois terninhos, e o feitiço foi igual, já que o alfaiate da paróquia não conhecia outro.

Quando a idade chegou, verificaram que eles tinham o mesmo gosto pelas côres, e quando a tia deles, Rosette, quis dar uma gravata a cada um, como presente de Ano Novo, ambos escolheram a mesma gravata lilás na caixa de mercadorias que o mascate levava de porta em porta, no lombo de seu cavalo. A tia lhes perguntou se as haviam escolhido iguais pelo desejo de andar sempre vestidos um como o outro. Mas os gêmeos não foram tão longe; Sylvinet respondeu que era a côr mais bonita e o mais bonito padrão de gravata que havia em todo o sortimento do mascate, e imediatamente Landry afirmou que todas as outras gravatas eram feias.

— E a côr de meu cavalo? — perguntou o mercador sorrindo — como é que vocês a acham?

— Muito feia, — disse Landry. — Ele parece uma póxa velha.

A PEQUENA FADETTE

— Feíssima — disse Sylvinet. — E' igualzinho a uma pèga deponada.

— Está vendo só? — falou o mascate, com ares judiciosos — êsses meninos têm o mesmo modo de ver. Se um vê amarelo o que é vermelho, logo o outro há de ver vermelho o que é amarelo, e ninguém deve contrariá-los a êsse respeito, porque dizem que, quando se quer impedir aos gêmeos que se conderem como duas impressões do mesmo desenho, êles se tornam idiotas e não sabem mais o que dizem.

O mascate dizia isso porque suas gravatas lilás desbotavam, e tinha vontade de vender duas de uma só vez.

No correr dos tempos, tudo continuou da mesma forma, e os gêmeos se vestiam com roupas tão iguais que era ainda mais fácil confundí-los. E, quer por travessura de criança, quer pela força dessa lei da Natureza que o Padre julgava impossível alterar, quando um tinha quebrado a ponta do tamanco, bem depressa o outro partia a sua do mesmo pé; quando um rasgava o casaco ou o boné, o outro, sem tardar, imitava tão bem aquele rasgão, que parecia terem sido causados pelo mesmo acidente: e eis os nossos gêmeos rindo a bom rir, e tomando um ar sonso de falsa inocência quando lhes pediam contas do acontecido.

Felicidade ou desgraça, essa amizade aumentava sempre com a idade, e, quando começaram a raciocinar um pouco, os meninos verificaram que não podiam divertir-se com as outras crianças quando um d'êles não estava presente; e, tendo o pai tentado conservar um consigo o dia inteiro, enquanto o outro ficava com a mãe, os dois se mostraram tão pálidos, tão tristes e tão moles para o trabalho, que os julgaram doentes. E depois, quando se reuniram, à tarde, foram-se os dois pelos caminhos, de mãos dadas, sem querer voltar para casa, tanto sentiam prazer em estar juntos e também porque estavam um pouco sentidos com os pais, que lhes tinham causado aquele desgosto. Não tentaram repetir essa separação, pois é preciso dizer que o pai e a mãe, da mesma forma que os tios e as tias, os irmãos e as irmãs, tinham pelos gêmeos uma amizade tão grande que chegava a ser um pouco de fraqueza. Orgulhavam-se dos gêmeos, à força de tanto os ouvirem elogiar e também porque, na verdade, eram dois meninos que nada tinham de tolos, nem de feios, nem de maus. De vez em quando, o pai Barbeau se inquietava ainda um pouco pensando nos resultados daquele hábito de estarem sempre juntos quando chegasse a idade de homem, e, recordando-se das palavras da Sagetta, tentava implicar com êles, para que um tivesse inveja do outro. Se faziam qualquer travessura, puxava, por exemplo, as orelhas de Sylvinet,

A PEQUENA FADETTE

dizendo a Landry : Por esta vez eu te perdoo, porque és em geral o mais ajuizado. Mas isso consolava Sylvinet de estar com as orelhas ardendo já que tinham poupado as do irmão, e Landry chorava como se fosse elle quem tivesse recebido a correção. Tentaram também dar a um somente qualquer coisa de que ambos tivessem vontade; mas, immediatamente, se era coisa de comer, elles a compartilhavam; ou se era qualquer brinquedinho ou cartilha para seu uso, elles a punham em comum, ou passavam-na de um para outro, entregando-a e rehavendo-a, sem distincção do teu e do meu. Se se fizesse a um deles elogio pelo seu comportamento, parecendo não fazer justiça ao outro, esse outro ficava contente e orgulhoso de ver animar e acariciar seu gêmeo, e começava, de sua parte, a estimulá-lo e acarinhá-lo também.

Era, enfim, trabalho perdido procurar afastá-los em corpo ou esprito, e, como ninguém gosla de contrariar crianças queridas, mesmo quando é para seu bem, em breve deixaram que as coisas se passassem como Deus queria; ou então transformaram essas pequenas implicâncias numa brincadeira em que os gêmeos não se deixavam enganar. Eram muito espertos e, às vezes, para que os deixassem em paz, fingiam discutir e brigar; mas era apenas um divertimento para ambos, e, na luta simulada, um rolava sobre o outro sem maguar o irmão; se algum tolo se espantava de vê-los brigando, escondiam-se para rir do outro, e ouviam-nos tagarelar e cantarolar juntos, como dois melros no mesmo galho.

Apesar dessa grande semelhança e dessa grande inclinação, Deus, que não fez duas coisas absolutamente iguais no céu e na terra, quis que elles tivessem uma sorte bem diversa, e foi então que se viu que eram duas criaturas separadas na idéia de Nosso Senhor, e diferentes em seu próprio temperamento.

Só viram isso com a experiência, e essa experiência se verificou depois d'elles terem feito juntos a primeira comunhão. A família do pai Barbeau aumentava, graças às duas filhas mais velhas que não descansavam de pôr lindas crianças no mundo. O filho mais velho, Martin, belo e bom rapaz, estava no serviço militar; os genros eram trabalhadores, mas nem sempre havia trabalho. Tivemos, em nossa terra, uma série de anos maus, tanto pelas avarias do tempo quanto pelas dificuldades do comércio, que arrancaram mais moedas do bolso da gente do campo do que as que lhes deram a ganhar. Tanto assim que o pai Barbeau já não estava em condições de conservar toda a sua gente em casa e era preciso pensar em empregar os gêmeos em casa dos outros. O pai Caillaud, da Priche, ofereceu-se para empregar um deles para tocar os bois, porque

tinha muitas terras para cultivar e todos os seus rapazes eram crescidos ou pequenos demais para essa tarefa. A mãe Barbeau sentiu muito medo e muito desgosto quando o marido lhe falou no caso pela primeira vez. Dir-se-ia que jamais imaginara que tal coisa pudesse acontecer a seus gêmeos, e, entretanto, tinha pensado nisso desde a hora em que ôles tinham nascido; mas, como era muito obediente ao marido, não soube o que dizer. O pai, por seu lado, andava muito preocupado e preparou a coisa de longe. Primeiro os dois gêmeos choraram e passaram três dias pelos prados e bosques, sem que lhes pusessem a vista em cima, a não ser nas horas das refeições. Não diziam uma palavra aos pais, e quando lhes perguntavam se já tinham resolvido submeter-se, nada respondiam; quando estavam juntos, porém, debatiam muito aquele caso.

No primeiro dia, não souberam fazer outra coisa sinão se lamentar, e agarrar-se ao braço um do outro, como se tivessem medo de que os viessem separar à força. Mas o pai Barbeau não faria isso. Tinha a sabedoria do camponês, feita de partes iguais de paciência e de confiança no efeito do tempo. Assim, no dia seguinte, os dois gêmeos, vendo que não os azucrinavam e que contavam que o juízo lhes chegasse, sentiram-se mais amedrontados pela vontade paterna do que o teriam ficado por ameaças e castigos.

— Afinal, vamos ser obrigados a ceder — disse Landry — e temos de saber qual de nós dois é que vai embora; porque nos deixaram a escolha, e o pai Caillaud disse que não podia ficar com os dois.

— Que me importa partir ou ficar, — disse Sylvinet — se é preciso que nos separemos? Eu nem penso no caso de ter de ir morar longe de casa; se eu fosse contigo, acabaria por me deshabituvar de casa.

— Isso é coisa que a gente diz — continuou Landry — e, no entanto, aquele que ficar na companhia de nossos pais terá mais consolações e menos aborrecimentos do que aquele que não há de ver mais nem seu irmão gêmeo, nem seu pai, nem sua mãe, nem seu jardim, nem seus bichos, nem tudo aquilo que costuma lhe dar prazer.

Landry dizia essas palavras num tom muito resolutivo, mas Sylvinet tornou a chorar; não tinha tanta resolução quanto o gêmeo, e a idéia de tudo perder e de tudo deixar de uma vez lhe dava tanto desgosto que não podia reter as lágrimas.

Landry também chorava, mas não tanto nem da mesma maneira, porque sempre pensava em tomar para si o mais pesado da pena, e queria ver até que ponto o irmão podia suportar, para lhe poupar todo o resto. Percebeu que Sylvinet tinha, mais do que ôle, medo de ir morar num lugar estranho e de se dar a uma família que não fosse a sua.

A PEQUENA FADETTE

— Escuta, irmão, se não podemos decidir-nos a essa separação, o melhor é que eu vá. Bem sabes que sou um pouco mais forte do que tu, e que, quando estamos doentes, o que geralmente acontece ao mesmo tempo, a febre te ataca com mais violência do que a mim. Dizem que podemos morrer se nos separarem. Mas não creio que eu morra; no entanto, não responderia por ti, e é por isso que prefiro te saber com a nossa mãe, que te há de consolar e cuidar de ti. De fato, se fazem em nossa casa qualquer diferença entre nós dois, o que nem se nota, acho que és tu o mais querido, e sei que és o mais meigo e o mais amoroso. Fica, pois; eu partirei. As terras do pai Caillaud confinam com as nossas, e nós nos veremos todos os dias. Gosto do trabalho e isso me distrairá, e como corro mais do que tu, mais depressa virei ao teu encontro quando acabar minhas obrigações. Tu, que não terás muito que fazer, darás um passeio ao meu encontro quando eu estiver ocupado. Ficarei muito menos inquieto a teu respeito do que se estivesses longe, e eu dentro de casa. Por todo isso, peço-te que fiques.